

PREFÁCIO

AMÉLIA POLÔNIA

Para os leitores de hoje, a Farmácia é uma ciência, análoga à Medicina. A ideia de que pode haver um lado metafísico no modo como as plantas e as substâncias naturais atuam em processos de cura seria estranha aos cientistas de hoje. Isso não era necessariamente assim na Época Moderna. Este livro de Fabiano Bracht, baseado numa tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, conduz os seus leitores ao século XVIII e apresenta o pensamento e os saberes farmacológicos de agentes portugueses e indianos da época. Para eles, essa prática, científica, tinha uma dimensão filosófica, e o termo Filosofia Natural era parte integrante da produção intelectual da época.

Teorias acerca do modo como o mundo natural funcionava abundam durante aquele período, e viariam ao redor do mundo, a muitos ritmos, entre os quais o «ritmo das monções». No âmbito do Império Ultramarino Português, e num quadro de mundos conectados pela periodicidade das viagens marítimas, teorias e conhecimentos eram transportados, a par de mercadorias e pessoas, e intercambiados entre a África, o Brasil, Portugal metropolitano e o Oriente. No seu livro, focado no Estado da Índia, em particular em Goa, Fabiano Bracht explora as formas como essas ideias viajaram, interagiram com os conhecimentos locais e assim se transformaram, e foram capazes de aumentar consideravelmente o conhecimento sobre plantas medicinais e formas alternativas de tratamento médico.

As possessões portuguesas em espaços ultramarinos foram zonas de contacto onde os europeus tiveram de aprender a adaptar-se a ambientes estranhos, a um clima exigente e a formas de vegetação desconhecidas, em nenhum lugar mais do que na Índia. O contacto com a população autóctone resultaria na descoberta de novas formas e meios de cura. Os portugueses, confrontados com esses conhecimentos autóctones, eles próprios provenientes, inclusive, do Extremo Oriente, em particular da China, acabariam por incorporá-los e fazê-los circular, na Europa, sob a forma de manuscritos ou livros impressos.

Para a realização da investigação que suporta esta obra, Fabiano Bracht consultou um vasto leque de fontes originais existentes em vários arquivos, em Portugal e no estrangeiro, e nela se encontram referências a um número impressionante de manuscritos e obras impressas, escritos e publicados (ou não publicados) na época. O leitor menos informado pode perguntar-se por que é que o Arquivo da Companhia de Jesus em Roma está incluído na lista, mas é claro que os padres jesuítas, enviados em missões ao Oriente e ao Brasil, também empreenderam compilações de estudos científicos, filosófico-naturais, que incorporavam nos seus arquivos e faziam circular entre as suas várias casas, no Brasil e na Europa. Essa circulação e transferência de conhecimentos não afetou apenas dinâmicas económicas, políticas ou culturais, mas também formas de sociabilidades e de crenças religiosas.

Este livro oferece ao leitor uma série de novas perspectivas. Os conhecimentos médicos e farmacêuticos que circulavam em Portugal não diferiam significativamente dos do resto da Europa. O exemplo mais relevante é o da Química Farmacêutica, que se tornou conhecimento comum em Portugal ao mesmo tempo que em outros espaços europeus. O défice científico que alguns autores atribuem a Portugal não parece estar comprovado nestes domínios, enriquecidos até pelos saberes de vários continentes, comunidades e culturas com que os Portugueses contactavam. Ainda assim, é preciso reconhecer que as estruturas do Império Ultramarino português não eram favoráveis à circulação e à aceitação plena de ideias e de saberes produzidas nesses espaços «outros». As autoridades da metrópole não incrementaram a criação de centros de formação académica nas colónias, o que em nada obstava à transmissão informal dos conhecimentos aí adquiridos e aí produzidos. Foi apenas durante o século XVIII que o ensino superior, incluindo o da Medicina e Farmácia, foi introduzido nas colónias, notavelmente em Goa, e ainda assim pelas mãos de ordens religiosas. Este livro em muito contribui para uma perceção rigorosa e sistemática destas dinâmicas de produção e circulação de conhecimento.

O CITCEM é um centro de investigação transdisciplinar, com particular foco em questões de cultura, espaço e memória. Todos estes elementos estão representados neste livro, ao tratar das trocas culturais e da difusão do conhecimento no âmbito do Império Ultramarino Português. A obra combina pesquisa histórica centrada em estudos coloniais, na sua interação com a cultura, a espiritualidade e a filosofia. Ao fazê-lo, introduz-nos no domínio, ainda muito por desbravar, da história das ciências. Nesse sentido, constitui um contributo para o aprofundamento de uma investigação interdisciplinar. Não menos importante, Fabiano Bracht promove um estudo cuidadoso, tanto dos textos como das ilustrações das obras que serviram como meio de transferência desse conhecimento. É por isso que o CITCEM tem o orgulho e a honra de incluir este livro na sua série de *Prémio CITCEM/Afrontamento para a melhor tese de doutoramento*.

Numa época em que as migrações se tornaram um tópico de debate político em toda a Europa, e até mesmo em todo o mundo, e em que o CITCEM definiu como tema estratégico para 2019-2022 o das «Migrações e Permeabilidades», este livro ajuda a lembrar que as «migrações» não são apenas de pessoas. Todos esses movimentos trazem consigo novas experiências desafiadoras, tanto para os próprios migrantes quanto para as comunidades que os recebem e, eventualmente, os integram. Como podemos ver a partir desta obra, dedicada ao século XVIII, tais fluxos de pessoas, bens e conhecimentos podem e devem enriquecer todas as partes envolvidas. A Medicina de hoje não seria o que é sem a contribuição de conhecimentos obtidos a uma escala global. Ao contrário da tese que toma a génese da ciência moderna como estritamente europeia e ocidental, a integração de conheci-

tos, transferidos a partir de territórios longínquos, contribuiu de facto para os avanços da ciência europeia, em particular da ciência ibérica. Este livro também nos lembra da dívida que os europeus têm para com as culturas «estrangeiras». «Estrangeiros» somos e fomos todos nós nos muitos universos de contacto promovidos pela expansão interoceânica e intercontinental do período moderno, assim tendo contribuído para a formação de uma «Primeira Idade Global».

Porto, 29 de outubro de 2019

Amélia Polónia